

FÉRIAS GUIAS VISÃO COM HISTÓRIA

5

ALENTEJO E ALGARVE

A herança árabe do Sul

Portalegre • Évora • Beja • Faro

Mértola

PATROCÍNIO:





Fortaleza, Sagres

NA PRÓXIMA SEMANA:



Odeceixe	
Alojamento	63
Olhão	38
Restaurantes	53
Alojamento	63
Portalegre	38
Restaurantes	53
Alojamento	63
Portimão	
Restaurantes	53
Alojamento	64
Quarteira	
Restaurantes	54
Redondo	
Alojamento	64
Sagres	38
Alojamento	64
Santiago do Cacém	39
Restaurantes	54
Silves	40
Alojamento	65
Tavira	40
Restaurantes	55
Alojamento	65
Troia	42
Restaurantes	55
Alojamento	65
Vidigueira	42
Restaurantes	55
Vila do Bispo	42
Restaurantes	55
Vilamoura	43
Alojamento	65
Vila Real de Santo António	44
Restaurantes	55
Vila Viçosa	44
Alojamento	65

Mapa e percursos da zona	4	Beja	16	Faro	27
		Restaurantes	47	Restaurantes	50
		Alojamento	58	Alojamento	61
Locais e monumentos	10	Belver		Gavião	31
		Alojamento	57		
Onde dormir	56	Campo Maior	17	Lagoa	
				Restaurantes	51
Onde comer	46	Castelo de Vide	18	Lagos	31
		Restaurantes	48	Restaurantes	51
Na bagagem	64	Alojamento	58	Alojamento	61
Albufeira	11	Castro Marim	18	Loulé	31
Restaurantes	46	Restaurantes	48	Restaurantes	51
Alojamento	56	Alojamento	58	Alojamento	61
Alcácer do Sal	11	Crato	18	Marvão	32
Restaurantes	46	Restaurantes	48	Restaurantes	51
Alojamento	56	Alojamento	58	Alojamento	62
Alcoutim	11	Elvas	19	Mértola	33
Alojamento	57	Restaurantes	49	Restaurantes	52
Almancil	13	Alojamento	59	Alojamento	62
Restaurantes	47	Estremoz	20	Monforte	36
Alojamento	57	Restaurantes	49		
Alter do Chão	16	Alojamento	59	Monsaraz	36
Restaurantes	47	Évora	21	Restaurantes	52
Alvito	16	Restaurantes	49	Alojamento	62
Alojamento	57	Alojamento	60	Montemor-o-Novo	37
Avis	16	Evoramonte	26	Restaurantes	52
Alojamento	57	Alojamento	61	Alojamento	63

VISÃO GUIAS 'FÉRIAS COM HISTÓRIA'

Direção e edição: Cláudia Lobo. **Consultores:** Luís Almeida Martins e João Pacheco. **Textos:** João Pacheco, Liliana Lopes Monteiro, Luís Almeida Martins, Luís Ribeiro e Mafalda Gil. **Restaurantes:** Manuel Gonçalves da Silva/ base de dados VISÃO 7. **Mapas:** Álvaro Rosendo. **Grafismo e paginação:** Miguel Garrido e Rogério Rebelo. **Pesquisa fotográfica:** Fernando Negreira. **Revisão:** António Ribeiro.

Foto da capa: Marcos Borga

Este suplemento faz parte integrante da VISÃO 1168, de 23 de julho de 2015, e não pode ser vendido separadamente

construído sobre uma área escavada por arqueólogos. Lá está por exemplo uma estela da Idade do Ferro e um dirham. E lá está uma lápide funerária escrita em árabe. É a lápide de Ibn Said, que não chegou a conhecer este castelo da cor da paisagem. E muito menos testemunhou a derrota de Salir, por ter morrido no ano de 1016.

Dica: O Pólo Museológico de Salir é pequeno mas muito bem feito. Fica no Largo Pedro Dias - junto às ruínas do castelo - e a entrada é livre.

🕒 20 minutos. Largo Pedro dias, Pólo Museológico de Salir. Tel. 289 489 137. Das 9h às 13h e das 14h às 17h. Fecha sab. e dom. Gratuito.

MARVÃO

Ver pág. 51 para restaurantes e pág. 62 para dormidas

A vila

Pela sua localização geográfica, Marvão é a praça-forte fronteiriça natural por excelência - situada no alto de uma montanha (na cota de 840 metros) e quase sobre a linha da raia. Militarmente utilizada pelo menos desde a época romana, desempenhou pois importante papel nas guerras contra mouros e castelhanos. No séc. XIX foi palco de grandes combates entre absolutistas e liberais. Dizia-se antigamente que os habitantes da vila eram os únicos portugueses que viam as águias pelas costas - quer dizer, a voarem mais abaixo. Por efeito da desertificação do interior, esses habitantes são hoje muito poucos, menos de metade do que há 60 anos.

🕒 Uma hora.

Cidade Romana de Ammaia

Romanos e visigodos

Vemos Sileno a tocar flauta, vemos Júpiter com um feixe de raios. E aqueles talvez se-



MARCOS BORÇA

Cidade Romana de Ammaia, Marvão

Festival Internacional de Música de Marvão

24 de julho a 2 de agosto

Mesmo do outro lado do rio, temos uma azenha musealizada - o chamado Moinho da Cova, que vale a pena visitar. No andar de cima, na loja de produtos locais Terrius, podemos encontrar por exemplo raridades como a farinha de bolota

jam Pégaso e Belerofonte. Vemos também símbolos judaicos - do séc. II ou III - nestas pedras de anel romanas. E cá está um cavalo que pasta, cá está Eros montado num leão, cá está este guerreiro a contemplar o elmo. Será Marte ou Aquiles? Os especialistas não têm a certeza. Foram-se os anéis, ficaram as pedras. Há cornalina, nico e uma ágata entre estas 18 pedras de anel romanas, todas tão pequenas que só as conseguimos ver em detalhe graças às muito boas reproduções fotográficas. Estas pedras de anel lindíssimas são apenas uma pequena parte do que está exposto agora na cidade romana de Ammaia - em São Salvador de Aramenha. Cá dentro há moedas que terão sido deixadas em sepulturas, para os mortos pagarem a última viagem ao barqueiro Caronte. E há a parte fálca de uma espécie de «caneca das Caldas» romana, objetos de adorno, lucernas com representações de divindades e de cenas eróticas, uma coleção incrível de peças de vidro romanas - quase todas em perfeito estado de conservação. Teremos de andar bastante se quisermos ver as três áreas principais desta grande cidade que já foram escavadas - estamos a falar de aproximadamente 25 hectares. Mas vale a pena passear por aqui - em

MARCOS BORÇA



Portugal é muito raro conseguirmos perceber tão bem como seria viver numa cidade romana.

Dica: Até ao final de 2016, está patente a exposição temporária *Ad Aeternitatem*, com peças encontradas em Ammaia que fazem parte da coleção do Museu Nacional de Arqueologia.

🕒 40 minutos. Estr. da Calçadinha, 4, São Salvador de Aramenha, Marvão. Tel. 245 919 089. Das 09h às 12h30 e das 14h às 17h30. €3 (gratuito para menores de 12 anos).

Marvão

À entrada do Museu, temos uma grande variedade de livros à venda. E podemos também comprar réplicas de lucernas romanas, cada uma custa 8€.

MÉRTOLA

Ver pág. 52 para restaurantes e pág. 62 para dormidas

A vila

Muçulmanos

Mértola é a terra «mais árabe» de Portugal. Porquê? Porque, no tempo do domínio muçulmano da Península Ibérica, chegou a ser sede de uma taifa, ou, por outras palavras, capital de um pequeno estado islâmico independente. Os vestígios dessa época ainda são visíveis: a igreja matriz era uma antiga mesquita, o que está patente no seu traço arquitetónico, nomeadamente em quatro portas em forma de ferradura. Não obstante estar situada a grande distância da costa, na Idade Média Mértola era um porto de mar, pois o Guadiana era navegável até ali por navios de apreciável calado.

Alcáçova do castelo de Mértola

Romanos e visigodos; Muçulmanos

Não cabe aqui a História do Campo Arqueológico de Mértola. Basta dizer que o Indiana Jones de cá chama-se Cláudio Torres. E se hoje esta é uma localidade cheia de núcleos museológicos, foi aqui que tudo começou. No núcleo da Alcáçova, podemos agora ver a nova réplica de uma casa islâmica - com latrina, cozinha, pátio, despensa, salão e alcova. A seguir, aconselha-se a descida ao criptopórtico, sobre o qual existia o fórum de Myrtilis - ou seja, o centro religioso e cívico da cidade romana. Cá em cima temos mosaicos com uma cena de caça que inclui uma avestruz e um cavaleiro acompanhado por um falcão. Restam vários destes fragmentos do que foram tapetes luxuosos de mosaicos, desenhados e assentados no séc. VI por mestres do Oriente mediterrânico. O mais espetacular é aquele em que vemos a luta entre o herói Belerofonte e a Quimera. Estão aqui vários estratos de História sobrepostos.



MARCOS BORCA

Assim é fácil perceber a importância das ocupações romanas e islâmicas em Mértola, com uma necrópole medieval a completar o quadro. Há melhor sítio para uma aula rápida de História de Portugal?

Dica: Na torre de menagem está um núcleo museológico que pode ser visitado das 9h às 13h e das 15h às 19h. Entrada gratuita.

Lg. da Igreja. 37° 38' 21" E, 7° 39' 49" S. Tel. 286 610 100. Das 9h às 17h30. Fecha seg.

Casa Romana

Romanos e visigodos

Há moedas cunhadas em Mértola, na Câmara Municipal. Nada que deva alarmar as atuais autoridades portuguesas ou o Fundo Monetário Internacional... As ditas moedas foram cunhadas por aqui, mas na Myrtilis romana. E hoje fazem parte do

Castelo de Mértola

núcleo museológico que existe nas fundações da autarquia. A Casa Romana foi escavada aqui mesmo, lá em cima a vida camarária corre indiferente à vizinhança museológica. Mas vale a pena conhecer este núcleo do Museu de Mértola. Há por aqui atrações como capitéis trabalhados, pontas de lança do exército romano, cerâmica, uma figura togada – em mármore. E um grifo, no fragmento de um altar. Pç. Luís de Camões.

Igreja Matriz de Mértola

Muçulmanos

Estamos na Igreja de Nossa Senhora da Visitação. Só que no altar desta igreja matriz há vestígios de um mihrab islâmico – o nicho que aponta o local de oração. Sim, esta igreja – lindíssima – junto ao castelo foi uma

mesquita. No altar há vestígios de escavações arqueológicas, mas isso acaba por já fazer parte da Mértola de hoje. Dentro da igreja há portas com arco em ferradura, como é fácil encontrar por todo o mundo em muitas mesquitas. Esta era a mesquita maior – aljama – de Mértola, tendo sido convertida em igreja depois da chamada Reconquista cristã. O aspeto exterior é sobretudo o resultado de obras profundas do séc. XVI, muito depois da dita Reconquista cristã. Mas mesmo na construção da mesquita já foram utilizados elementos de edifícios anteriores, incluindo pedras com inscrições romanas do séc II.

⌚ 30 min. Rua da Igreja. Tel. 286 610 109. Das 09h15 às 13h e das 14h às 17h45. Fecha seg. Gratuito.

Mina de São Domingos

A paisagem lembra ao mesmo tempo imagens lunares e fotografias de desastres nucleares. Do caminho-de-ferro restam uns vestígios de travessas de madeira de aspeto jurássico. E pelo caminho há avisos como este: «Água contaminada,

Igreja Matriz de Mértola



MARCOS BORCA

não se aproxime». O que resta da parte diretamente extrativa e industrial da Mina de São Domingos vai-se diluindo na paisagem. Todas as construções parecem querer cair daqui a dois segundos – algumas já caíram. É difícil encontrar aqui a linha que separa a arqueologia industrial do crime ambiental. Entretanto, podemos visitar as ruínas da mina, desde que sigamos as indicações escritas e não ultrapassemos as vedações. Nesta área já havia mineração de prata, de ouro e de cobre no período pré-romano e romano. Mas a grande fase de exploração mineira foi entre 1858 e 1966, através da iniciativa de uma empresa inglesa. Da Mina ficaram os bairros operários, o cineteatro, um campo de jogos, o coreto e o chamado bairro dos ingleses. O antigo edifício da administração é agora o Hotel São Domingos.

Dica: Parte da história das minas de São Domingos foi vivida entre as quatro paredes de casas minúsculas como a Casa do Mineiro (dias úteis, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30, gratuito). O núcleo museológico tem 16 metros quadrados – o equivalente a quatro por quatro metros – e serve para estimular a imaginação dos visitantes atuais, que mesmo assim terão dificuldade em pôr-se na pele dos mineiros que aqui viviam com a família. Ao lado há um centro de documentação onde vão sendo recolhidas memórias de 150 anos de História das minas.

⌚ Duas horas. Mina de São Domingos. Tel. 286 647 534. As visitas estão sujeitas a marcações prévias. €3.

Museu Islâmico

Muçulmanos

É difícil visitarmos no mesmo dia todos os núcleos do Museu de Mértola. Havendo tempo para apenas um, o melhor é escolhermos este – o Museu Islâmico. Há várias peças desenterradas

e mostradas aqui com ótimo enquadramento.

Dica: A Herdade de Bombeira (tel. 286 612 287) fica mesmo ao lado de Mértola e é chão que tem dado muito bons vinhos nos últimos anos. Além da qualidade dos vinhos Bombeira do Guadiana e da originalidade do terroir escolhido, os rótulos têm a particularidade de serem inspirados numa das cerâmicas pintadas que podemos ver aqui no Museu Islâmico de Mértola.

Pç. Luís Camões. Tel. 286 610 100. Das 9h15 às 13h e das 14h às 17h45. Fecha seg. €5.

MONFORTE

Villa de Torre de Palma Romanos e visigodos

Nove musas representadas num mosaico monumental desejam-nos boa sorte em latim. O dito mosaico tem mais de seis por dez metros e foi encontrado aqui na antiga villa romana de Torre de Palma - junto a Vaia Monte. Mas tal como todos os mosaicos mais interessantes, o mosaico das musas só pode ser visto aqui em reprodução, no centro de interpretação. As musas, os cavalos e as figuras mitológicas seguiram para o Museu Nacional de Arqueologia - em Lisboa - depois de esta villa romana ter sido descoberta em 1947. Era uma propriedade rural importante e rica, que durou mais de cinco séculos, entre o séc. I e o séc. V d.C.. Pela importância agrícola da terra, a ocupação continuou depois até ao séc. XVI. Já não como a propriedade de um senhor romano, mas como uma pequena povoação - com uma basílica e um batistério.

⌚ 40 minutos. Vaia Monte. 39° 03' 45" N, 7° 29' 18" O. De seg. a sex. das 10h às 13h e das 14h às 17h (ao sáb. abre às 9h30 e encerra às 17h30, ao dom. fecha à tarde). €2.



MARCOS BORGES

Monsaraz

MONSARAZ

Ver pág. 52 para restaurantes e pág. 62 para dormidas

A vila

No coração da Idade Média

Visitar a freguesia de Monsaraz é viajar na máquina do tempo. A vila muralhada de Monsaraz foi ocupada por todos os povos que passaram pelo território que é hoje o Alentejo: romanos, visigodos, muçulmanos. Conquistado aos mouros em 1167 por Geraldo Sem Pavor, o castelo foi mais tarde oferecido aos Templários por D. Sancho II e, durante o reinado de D. Dinis, ergueu-se a torre de menagem e ampliaram-se os

muros, mais ou menos como se mantêm atualmente. As antigas casas dos sécs. XVI e XVII permanecem como na época em que foram construídas. No interior do antigo edifício do tribunal pode apreciar-se um interessantíssimo fresco do séc. XV representando O Bom Juiz e o Mau Juiz. A povoação foi sede de concelho até meados do séc. XIX, altura em que esse atributo foi transferido para a moderna Reguengos de Monsaraz, vila erguida em terras de propriedade régia (daí o nome). O outro - e não menor - atrativo da localidade é estar situada no alto de um monte de onde a vista

**Festa do Can-
te, Monsaraz**
24 e 25 de julho

abrange vastas extensões da planície alentejana e da vizinha Estremadura espanhola.

⌚ Uma hora.

Cromeleque do Xerez

No princípio

O Cromeleque do Xerez é prova de uma ocupação antiquíssima, pré-histórica.

⌚ 10 minutos. Ferragudo. 38° 27' 11"N, 7° 22' 15" O. Tel. 266 508 052. Sempre aberto. Gratuito.

Oliveira milenar

O dono da mão que pôs aquela semente na terra não imaginava que, um dia, os romanos se iriam aventurar para fora da Península Itálica e conquistar a Ibérica - a oliveira que hoje se encontra no sopé da colina de Monsaraz foi semeada há 2450 anos, 300 anos antes de as legiões da República Romana (antecessora do Império) entrarem na Lusitânia. À volta da segunda árvore mais velha de Portugal - a primeira é outra oliveira, em Santa Iria da Azóia - há mais seis espécimes da mesma família, com a mais nova a rondar os 750 anos e a mais velha 1500, segundo cálculos de investigadores da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Todas continuam a dar azeitona. Aliás, a herdade da Horta da Moura, onde estão as sete anciãs, produziu recentemente 200 litros de azeite: uma edição especial que batizou de 2450 anos.

Horta da Moura.

MONTEMOR-O-NOVO

Ver pág. 52 para restaurantes e pág. 63 para dormidas

Gruta do Escoural

No princípio

Embora sem a espetacularidade das célebres grutas de Altamira (Espanha) ou de Lascaux (França), esta caverna